

Cassandra Pereira França (org.)

ECOS DO SILÊNCIO

REVERBERAÇÕES DO TRAUMATISMO SEXUAL



Blucher

ECOS DO SILÊNCIO

Reverberações do traumatismo sexual

Cassandra Pereira França
(*organizadora*)

Ecoss do silêncio: reverberações do traumatismo sexual

© 2017 Cassandra Pereira França (organizadora)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Capa: Filipe Everly

Blucher

Rua Pedross Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ecoss do silêncio: reverberações do traumatismo
sexual / organização de Cassandra Pereira França. –
São Paulo : Blucher, 2017.

248 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1239-3

1. Vítimas de abuso sexual 2. Crianças maltra-
tadas sexualmente 3. Trauma psíquico 4. Psicaná-
lise I. França, Cassandra Pereira.

17-1152

CDD 364.15554

Índice para catálogo sistemático:

1. Vítimas de abuso sexual

Conteúdo

Introdução	13
<i>Cassandra Pereira França</i>	
1. Do grito de silêncio à reconstrução subjetiva	21
<i>Cassandra Pereira França</i>	
2. Vida e morte da palavra	39
<i>Flávio Carvalho Ferraz</i>	
3. Trauma, silêncio e comunicação	63
<i>Eugênio Canesin Dal Molin</i>	
4. La imposibilidad de algunos niños de contar el abuso durante el tratamiento psicológico	87
<i>Susana Toporosi</i>	
5. El modo de narrar el abuso sexual y la apropiación subjetiva del cuerpo en la adolescencia	97
<i>Adriana Noemí Franco et al.</i>	

6. O brincar e o indizível na clínica do abuso sexual infantil	117
<i>Heitor Amâncio de Moraes Castro</i>	
7. Cuerpo a cuerpo con la madre: identificaciones narcisistas alienantes	141
<i>Johanna Mendoza Talledo</i>	
8. Um excesso que não se vê: a erotização do corpo da criança pela mãe	153
<i>Cassandra Pereira França</i>	
<i>Danielle Pereira Matos</i>	
<i>Gabriela Velocini Novais</i>	
<i>Mariane de Paula Ramos</i>	
9. As palavras dos adultos sobre o abuso sexual: reverberações no psiquismo infantil	169
<i>Anna Paula Njaime Mendes</i>	
<i>Nívea de Fátima Gomes</i>	
10. Palavras por dizer: a enigmática devolução de crianças adotadas	183
<i>Cassandra Pereira França</i>	
<i>Rafaela Pazotto Verticchio</i>	
11. O tom surdo dos efeitos do desamor	197
<i>Cassandra Pereira França</i>	
12. Traumatismo e testemunho: a vida secreta das palavras	217
<i>Renata Udler Cromberg</i>	
Anexo: Produção acadêmica do Projeto CAVAS/UFMG	235

1. Do grito de silêncio à reconstrução subjetiva

Cassandra Pereira França

*Há uma palavra que pertence a um
reino que me deixa muda de horror...
Há quanto tempo eu de medo a escondo que esqueci
que a desconheço, e dela fiz o meu segredo mortal.*

(Clarice Lispector)

A ética é o solo comum entre todos os campos profissionais que lidam com a tristeza da negligência, do descaso e da violência com as crianças. No entanto, há uma diferença primordial que marca o horizonte do campo terapêutico: na clínica, o que buscamos é a verdade contida na realidade psíquica do paciente, cujo caminho é traçado por seu discurso, independentemente da forma como se manifesta, seja por meio da palavra plena, dos desenhos, das brincadeiras, ou até mesmo do silêncio. Diante do tempo sem palavras, a escuta analítica poderá tecer uma rede que permita dar contornos ao ainda não dito. Assim, ao processo terapêutico caberá, inicialmente, assistir ao inconsciente pulsando

por manifestar-se, e ao ego fazendo malabarismos para evitar isso. Enquanto isso, apenas acolhemos a angústia do paciente até fazê-la tolerável e funcional ao trabalho que precisa ser feito, qual seja, o de colocar a palavra em circulação para que as inibições e os sintomas sejam desemaranhados.

Nos casos de abuso sexual, a tarefa analítica deparará com várias armadilhas: ora é a criança que custa a criar confiança no analista, ora é a família ou a Justiça exigindo laudos que atestem o que ainda não vimos. Isso tudo sem falar das dificuldades intrínsecas ao próprio tratamento, como esboçar um diagnóstico do encaminhamento psíquico da criança, uma vez que o abuso sexual gravou suas digitais não em uma tábula rasa, e sim em uma psique em formação, cujo desenvolvimento psicosexual foi atropelado pela sexualidade adulta – configuração que se agrava ainda mais quando, no abuso, esteve envolvido algum integrante (ou substituto) da fantasmática edípica.

As cifras do estrago advindo desses tormentos na infância poderão ser contabilizadas na clínica de mulheres adultas “que permanecem ‘escravas’ do trauma padecido na infância ou adolescência, e também ‘escravas’ do silêncio autoimposto no momento do abuso” (Alkolombre, 2013, p. 74). Ao longo desses processos analíticos, é possível acompanhar como essas mulheres, desde a ocorrência do abuso na infância, nunca mais deixaram de ser invadidas pela vergonha de terem sido capturadas na cena de sedução da inevitável fantasmática edípica. Teria sido essa captura acompanhada de um gozo naquela cena? Infelizmente sim, mas a criança em hipótese alguma sabe que não é a vítima que goza nessas situações, e sim a pulsão! E que, nesse gozo pulsional, o sujeito está longe de um processo prazeroso. É exatamente desse ponto que devemos começar o processo terapêutico, tentando estabelecer os caminhos por onde a perversão adulta atropelou o desenvolvimento

psicossexual da criança. Mas, independentemente de quais tenham sido as bifurcações seguidas, o certo é que tais vivências fazem da criança abusada um cartucho repleto de culpas que pode implodir a qualquer momento. Assim, somente “destripando a culpa, é que vamos tirar de suas entranhas putrefatas a possibilidade de reconciliação da criança consigo mesma” (Garaventa, 2013, p. 51). Esse é o caminho inicial para que a criança deixe de ser abusada, agora, por si mesma.

A lembrança traumática constitui um grande paradoxo, pois, em verdade, não é bem uma lembrança, uma vez que o traumatismo não é disponível para o pensamento. Aliás, o pensamento é que fica capturado à disposição do traumatismo, como nos dizia Bleichmar. Essa autora, cujas ideias muito nos ajudam a entender como podemos tentar fazer a inclusão do traumatismo nas séries psíquicas, assim descreve o que se passou:

o acontecimento vem e se incrusta em mim, e aparece permanentemente em minha mente, não como uma evocação, mas como algo que vem e me invade, como um estímulo externo; como um estímulo externo que eu não recupero, mas pelo qual sou capturado. Não termina de constituir-se no sentido da marca mnésica como algo ligável, organizável, mas é somente algo que pode ser evacuado, por isso reaparece, reaparece e insiste dessa maneira. (Bleichmar, 2010, p. 60)

Partindo do fato de que “no traumatismo, a coisa em si mesma é sempre o estranho, o alheio, o perturbante, o não recoberto, não representável, só expulsável”, Bleichmar relembra nesse texto que acabamos de citar que, segundo enfatizava Laplanche, em vez de dizermos que ocorreu uma *fixação ao trauma*, devemos sempre

chamar tal fenômeno de *fixação do trauma*, pois não é o sujeito que está fixado ao trauma, mas o trauma que está nele enquistado. E é exatamente isto que marca a passividade que tem o sujeito diante da compulsão à repetição; é o trauma o que o leva a atuar, e não é o sujeito que determina o trauma.¹

Mas voltemos ao nosso ponto principal: como fazer para incluir o traumatismo nas séries psíquicas? Ao sugerir que o traumatismo é algo que se enquista no aparato, como si mesmo, sem lugar no psiquismo e, portanto, não simbolizável, Bleichmar faz um paralelo entre o traumatismo e os elementos beta, da teoria de Bion (1962/1994), que são fatos não digeridos (não são recordações, não podem ser enlaçados no psiquismo) e, por isso mesmo, precisam da função alfa, que é a função de simbolização no esquema teórico desse autor. A capacidade de *réverie* é a função alfa da mãe: sua capacidade de ligar, de conter, estruturar e organizar os elementos. A criança projeta elementos beta e a mãe devolve elementos alfa. Os elementos alfa dependem da função alfa, pois são essenciais para o pensamento e o raciocínio consciente e para relegar ao inconsciente aqueles elementos que precisam ser liberados da consciência. Isso que a mãe faz com a criança é, exatamente, o que o analista precisa fazer com seus clientes, no caso que ora estudamos, precisa fazer

1 Desencadeado por esta característica do evento traumático, surge mais um flagelo na vida dessas crianças que foram retiradas pela Justiça das famílias incestuosas e aguardam em abrigos por uma família que queira adotá-las. Além das dificuldades habituais nesses processos de adoção, causadas principalmente pelas fantasias de que essas crianças foram “estragadas” por tudo que passaram, os assistentes sociais enfrentarão um desafio enorme para encontrar um novo lar para elas, pois, para o desespero de todos, elas repetem compulsivamente com os pais adotivos os jogos eróticos a que foram submetidas – situação que leva muitas famílias a devolverem a criança ao Estado. Infelizmente, por mais que saibam o motivo pelo qual foram devolvidas à instituição, elas não conseguem deter a força da compulsão à repetição, e apresentam a mesma conduta com a próxima família adotante.

com as crianças e, muitas vezes, com suas próprias mães: recolher aquilo que chega como angústia, como elementos não estruturados (beta), e devolvê-lo de forma simbolizada, estruturada. Afinal, interpretar é também re-transformar elementos traumáticos em simbolizações – o que só pode ser realizado através da palavra.

Mas como nós, analistas, poderíamos definir uma estratégia de manejo técnico para lidar com os casos que envolvem processos traumáticos? Estamos habituados a trabalhar no desmanche das defesas psíquicas, porém, o que fazer quando elas já se romperam espontaneamente? Teçamos, então, algumas considerações sobre as desarticulações do traumatismo a partir do acompanhamento de um caso clínico muito interessante, apresentado em um simpósio da Fundación San Javier² por uma psicanalista argentina, Marcela Rotsztein.³ Apresentaremos a seguir uma compilação dos dados fornecidos pela autora, que não apenas ilustram a nossa argumentação de que a criança abusada sexualmente se transforma na mais fiel guardiã do pacto de segredo perverso, como também nos permitem tecer algumas considerações sobre o manejo da técnica psicanalítica infantil.

A boca de Lara

Nas entrevistas iniciais que a psicanalista realizou com os pais, eles lhe contaram que haviam procurado ajuda terapêutica porque

2 A Fundación San Javier para el Desarrollo Integral de Niños y Jóvenes tem sua sede em Buenos Aires (Argentina) e cuida daqueles sujeitos que se encontram em situação de risco social, desenvolvendo projetos orientados para a proteção e desenvolvimento social, psíquico e cultural.

3 Material clínico publicado em 2013 sob o título “La boca de Lara”, compondo um dos capítulos do livro *Abuso sexual infantil: la palabra arrebatada* (Buenos Aires: Fundación San Javier).

estavam convivendo com algo muito enigmático, um estranho sintoma apresentado pela filha havia alguns meses: ela fazia uma careta esdrúxula, repentinamente, abrindo a boca como se fosse gritar, porém permanecendo completamente muda. Em sua pequenez, a garota de apenas 5 anos de idade, filha única do casal, era pega de surpresa por essa careta, que fugia ao seu controle e a deixava muito assustada. Imaginando a cena descrita, a psicanalista não tardou em assisti-la pessoalmente, pois, logo na primeira entrevista, quando perguntou a Lara se sabia por que seus pais tinham ido vê-la, a garota abriu desmesuradamente a própria boca. O efeito da cena sobre a analista foi descrito pelas seguintes palavras: “É impactante o temor e o desamparo que transmite seu semblante. Ainda que pareça que vai gritar, permanece em silêncio”. Em poucos segundos a garota fechou a boca e, de modo assustado, disse: “Quando abro a boca, tenho medo de ir para o inferno”.

A analista retomou essa fala e lhe perguntou por que pensava dessa maneira. A garota, então, explicou que uma coleguinha sua também foi à psicóloga, logo depois que seus pais se separaram, acrescentando: “As freiras queriam mandá-la embora porque divórcio é pecado, e os que pecam vão para o inferno!”. Questionada se pensava que “abrir a boca” era pecado, ela respondeu em voz baixa: “A psicóloga dela não dizia a ninguém o que ela lhe contava”. Vemos que, nesse momento, a garota queria firmar um pacto de segredo e pensamos que bastaria à psicóloga responder que ela não sabia em quem confiar, e que somente deveria dar essa resposta quando nela confiasse. No entanto, a psicóloga deu uma resposta que, para nossa surpresa, surtiu um resultado efetivo: “Para que eu possa ajudá-la, tem de confiar em mim e contar-me tudo, mesmo as coisas que não diz a ninguém mais”. A garota ainda questionou: “Tenho de contar-lhe tudo?”. E recebeu a explicação de que deveria, sim, contar tudo, à sua maneira: não só falando, mas também brincando ou desenhando. Apesar de julgarmos que

a profissional tenha sido impositiva ao expressar que a verdade precisava ser revelada, logo a seguir ela se disponibilizou a outro pacto: o de dar atenção às produções da garota, explicando que os psicólogos estudam para entender o que os pacientes dizem através de seus desenhos e brincadeiras, acrescentando uma recomendação preciosa: “Se em algum momento eu me enganar, você pode me corrigir”. Essas passagens mostram bem a diversidade de estilos clínicos e como cada um deles não invalida o outro, mas o enriquece. De fato, bem sabemos que as palavras podem ser, a princípio, vazias de sentido, assim como os desenhos. Contudo, se nos interessamos tanto em dar continência mesmo ao vazio que portam, é porque sabemos que crianças não “brincam” de fazer análise, elas levam muito a sério a proposta analítica e, assim que possível, liberam o fluxo associativo.

Lara optou por brincar com alguns bonecos Playmobil à disposição na sala lúdica, propondo: “Brincamos de família? Gosto de brincar de família porque todos se querem e se cuidam”. Enquanto se distraía com os bonecos, a campainha tocou, e ela, sobressaltada, guardou tudo rapidamente, ordenando à psicóloga: “Também não conte do que brincamos!”. Depois de ouvir que nada seria dito à sua mãe, a garota lhe deu um beijo e saiu. Na sala, permaneceu a profissional, atônita, sem conseguir deixar de pensar na boca de Lara, no medo e no desamparo que pôde ver em seus olhos enquanto a menina gritava em silêncio. O que não poderia ser dito? Por qual razão? Por que era preciso tanta recomendação para que a psicóloga não revelasse nada a ninguém? Por que temia ir ao inferno quando abria a boca? Tantas questões comprovam a máxima freudiana exposta nas conferências introdutórias sobre psicanálise, tanto na Conferência XVII (O sentido dos sintomas) quanto na Conferência XVIII (Fixação em traumas – O inconsciente), de que “jamais se constroem sintomas a partir de processos conscientes” (Freud, 1916-1917/1996b, p. 330).

Remexendo na história significativa

Na entrevista seguinte com os pais, a psicóloga colocou-os para pensar na história do sintoma, em que ocasião havia surgido, em quais circunstâncias reaparecia. Eles então contaram que a primeira vez em que a viram fazer a tal careta foi quando lhe deram a notícia de que seu avô materno havia falecido. Ela não quis escutar mais nada e saiu correndo, chorando, para o seu quarto. Nunca mais voltou a falar dele e se angustiava muito se o mencionassem.

Um vínculo forte com esse avô havia começado quando ele enviuvou e foi morar na mesma cidade deles, passando então a buscá-la na escola, e levá-la para sua casa, onde a garota ficava até que os pais voltassem do trabalho. Ele lhe dava muitos presentes e permitia que ela fizesse tudo o que queria. A princípio, Lara parecia estar encantada com a nova relação que tinha com o avô, mas alguns meses depois “cismou”, conforme disse sua mãe, que não queria mais voltar a vê-lo. Perguntaram-lhe mil vezes se alguma coisa havia acontecido, porém ela não quis dar nenhuma explicação. Quando chamaram o avô para averiguar o que havia acontecido, ele se surpreendeu muito e disse não fazer a menor ideia do que podia ser. Mas ficou muito mal quando lhe disseram que, pelo menos por um tempo, não fosse mais buscar a garota na escola. Dois dias depois disso, foi encontrado afogado na banheira de sua casa.

Essa história que acaba de ser narrada traz, em seu bojo, alguns aspectos sinistros: por que teria a menina tomado a decisão de nunca mais ver o avô? Teria ele feito alguma coisa que a desagradou? Por que ele teve uma reação tão forte diante da recusa da neta em vê-lo e da decisão de que não mais a buscaria na escola? A ausência de respostas a essas questões tão intrigantes pairaram sobre a análise por vários meses... tempo em que a garota dramatizava, repetidamente, os mesmos esquetes: uma família composta

por mamãe, papai, filha e empregada, e que recebia visitas dos tios, dos primos paternos e até mesmo das colegas do jardim de infância e das freiras (que falavam todo o tempo de pecados). Em todas as encenações, havia segredos que não podiam ser revelados. Lara recomendava aos bonecos: “As coisas que acontecem na família não se pode contar. Tem de guardar segredo, porque senão vai para o inferno”. Quando a mãe tocava a campainha para buscá-la, Lara ficava sempre sobressaltada. Interrompia, imediatamente, o que estava fazendo e guardava tudo como se não quisesse deixar rastros de sua produção. Antes de ir embora, sempre recomendava à analista: “Não vá contar a ninguém o que fizemos!”. Recomendação que nos remete a uma dúvida que poderia ser reformulada mentalmente pela analista da seguinte maneira: o que fizemos agora, ou o que fizemos em família?

Essas encenações repetitivas de Lara, durante os primeiros meses de análise, lembram-nos das palavras de Freud:

As neuroses traumáticas dão uma indicação precisa de que em sua raiz se situa uma fixação no momento do acidente traumático.... É como se esses pacientes não tivessem findado com a situação traumática, como se ainda estivessem enfrentando-a como tarefa imediata ainda não executada... o que mostra-nos o aspecto econômico dos processos mentais. (Freud, 1916-1917/1996b, p. 325)

Estamos, nesse ponto da análise de Lara, em condições de considerar seriamente a possibilidade de que, por trás do seu sintoma, jazia um processo traumático, exatamente nos moldes definidos por Freud como um processo que, em um breve espaço de tempo, provoca um excesso de estímulo “excessivamente poderoso para

ser manejado ou elaborado de maneira normal, e isto só pode resultar em perturbações permanentes da forma em que essa energia opera” (Freud, 1916-1917/1996b, p. 325). A analista, ainda intrigada com a história narrada pelos pais, não se conformava com o fato de nunca aparecerem figuras de avôs e avós nas tramas familiares que Lara construía. Mesmo convivendo bastante com os avós paternos, a garota sequer tocava nos bonecos de cabelos brancos que a psicóloga fazia questão de deixar à vista, numa tentativa de observar se ela os incluiria nas brincadeiras. Todavia, a invisibilidade desses bonecos, aos olhos de Lara, mostra-nos que eles ainda não podiam aparecer em cena e que de nada adianta tentar induzir ou precipitar associações. Não é possível que o segredo tome atalhos para se fazer revelar, ele tem o seu tempo, é preciso saber esperar.

O grito irrompe das entranhas

Durante todo o período inicial do tratamento, as caretas não apareceram nas sessões. Em compensação, tanto na escola como em casa, elas estavam presentes como nunca! Essa era uma prova inequívoca de que o campo do *setting* analítico havia se transformado em um ambiente seguro, onde a repressão reinava – situação que também ilustrava a bipartição da tópica psíquica, provando, como nos dizia Bleichmar, que o recalque já estava instalado no aparelho psíquico dessa menina. Embora o período de bonança estivesse perdurando muito, um dia, algo mudou: a terapeuta foi convocada a participar das brincadeiras e a se encarregar dos bonecos que representavam seus primos. Ela cuidava da menina e da amiga, que se escondiam para que os primos as procurassem. A brincadeira feita “às escondidas”, em um esconderijo difícil de ser encontrado, introduzia uma temática de cunho erótico que teria seus desdobramentos. Na sessão seguinte, a amiga e os primos

desapareceram, e a terapeuta foi encarregada do resgate: “Tem de procurar a Lara!” – ordem seguida de pistas a princípio confusas, porém, gradativamente, cada vez mais precisas. Esse papel projetivo, de atribuir à terapeuta a função de encontrar quem está desaparecido, acabou fomentando a antiga ânsia analítica em desvelar os assuntos enigmáticos, tanto é que, após algumas semanas em que essa brincadeira se repetia sem nenhuma alteração, a analista cometeu um *acting in*: com o pretexto de estar procurando a bonequinha Lara, pegou na caixa um dos bonecos de cabelos brancos e disse: “Olha... Encontrei o avô!”

Lara levantou os olhos e, aterrorizada, olhou o boneco. Abriu a boca e deu um grito tão agudo e penetrante que pareceu durar uma eternidade. A terapeuta teve medo de ter se equivocado, ficou muito angustiada. Depois de intermináveis segundos, o grito se deteve, e a criança, ainda assustada, começou a chorar, dizendo: “Eu não queria que meu avô morresse... Eu lhe dizia para não tocar o buraco do meu bumbum, porque é pecado, mas nunca contei a ninguém o que ele fazia... Tenho medo de ir para o inferno... Quando souber, minha mãe vai zangar comigo e as freiras vão me mandar embora do jardim”.

Diante da angústia em que Lara se encontrava, a terapeuta tentou tranquilizá-la, dizendo: “Que bom que pode começar a contar-me as coisas que seu avô fazia... Não tenha medo, porque você não fez nada mau... Não cometeu nenhum pecado e não vai para o inferno... Estou certa de que sua mamãe não vai se zangar e lhe prometo que as freiras não vão mandá-la embora da escola...”

Sem deixar de chorar, Lara sentou-se no colo da terapeuta e, apoiando a cabeça no ombro dela, abraçou-a com força. A terapeuta acolheu o abraço, fez um carinho suave e, em voz baixa, disse a ela: “Já passou... Vai ver que está tudo bem... Não tenha medo... Você não fez nada mau... Já passou”. A menina foi se tranquilizando,

até que adormeceu. Quando sua mãe tocou a campainha, Lara, pela primeira vez, não ficou sobressaltada, evidenciando que não mais precisava temer que a repressão se quebrasse, agora bastava recolher os cacos. Assim, apenas guardou os bonecos e pediu à terapeuta que não contasse a ninguém o que ela havia dito. A terapeuta perguntou se queria vir no dia seguinte, ela concordou com a cabeça, deu um abraço e saiu.

Façamos alguns comentários sobre essa arriscada manobra da psicóloga, suscitada pelo não dito da garota: “Tem de procurar o avô!”. Ao anunciar que encontrara o morto/vivo, a analista apresentou à consciência de Lara um importante elemento da formação de compromisso que sustentava aquele sinistro sintoma, e que condensava o conflito psíquico: a vontade de gritar e contar o que se passou, e a proibição internalizada de soltar a voz. Todavia, além desses sentidos desvendados, o tal cacoete condensava algo ainda maior: o susto, o horror diante da morte! Colocada no dossiê dos seus pecados, a reação catártica mostrava a intensidade da culpa que ela sentia pelo desfecho da história: a família desfeita (divorciada). Ou seja, apesar de todo seu temor do inferno, ela havia cometido vários pecados: deixado o avô tocar no seu bumbum, não contado nada a ninguém e provocado a morte dele.

Vimos, portanto, como Lara havia se tornado um cartucho de culpas, pois nas crianças a palavra convoca à ação, e pela regressão confundem pensamento com ato. Podemos deduzir que, provavelmente, Lara pensou que seria muito bom que o avô sumisse, e que ela não mais tivesse de se haver com aquela problemática tão angustiante. No entanto, no pensamento mágico de uma criança de 5 anos, pensar na possibilidade de sumiço, de morte é correr o risco de que isso se converta em realidade. Embora não tivesse aceitado, na época, ouvir mais nada sobre o assunto, com certeza ouviu os rumores que reabriam as dúvidas da família: teria sido uma morte

natural ou provocada? Agora podemos entender a trama das fantasias que, talvez, de modo muito indireto, despertavam nela a responsabilidade pelos acontecimentos. Afinal, foi o fato de ela ter se negado a continuar encontrando com o avô que provocou a mudança de rumo nessa história, podendo, inclusive, ter implantado dúvidas na cabeça dele: teria a neta quebrado o pacto de segredo? Estariam acreditando nela e desconfiando dele? Teria o avô ficado invadido de culpa e vergonha e se matado?

Enfim, todas essas hipóteses sobre traição ao ideal de família, em que “todos se querem e se cuidam”, como ela havia anunciado no primeiro encontro com a analista, podem até ser consideradas muito sofisticadas para a cabecinha de uma criança de 5 anos, mas temos de nos lembrar que, nessa idade, a família é o único entorno existente no universo da criança. Bem, mas o que precisamos mesmo é verificar quais foram os efeitos desse episódio de catarse na construção subjetiva dessa criança. Sabemos, pela história da psicanálise, que a catarse em si mesma não produz uma resolução do sintoma, apenas provoca um alívio da pressão dos afetos angustiantes – pois não basta uma lembrança emergir na consciência se o sujeito não reconhece aquele material estranho, desconectado de uma rede de significações psíquicas. Foi exatamente por isso que a técnica da hipnose acabou sendo dispensada do método analítico.

Em 1917, quando a teoria freudiana já estava mais “madura” (lembramos que foi nessa época que se deu o giro de 1920), Freud deixou muito claro que a técnica para a resolução do traumático não pode ser jamais a ab-reação catártica do traumatismo (aquela preconizada em 1894), pois ela não basta para resolver a ação automática que os pacientes repetem, sem possibilidade de variação. É preciso ir além desse ponto, retirar o excesso de *Unheimlich*, reconectar as representações afetivas às representações ideativas. Naquele momento, já era possível a Freud preconizar a necessidade

de desligar as cargas psíquicas da fixação, a fim de que possa haver a inclusão do traumatismo nas séries psíquicas.

Portanto, na análise de Lara, será a partir desse momento, em que o traumático é colocado em palavras, que começará um processo de elaboração, ou melhor, de perlaboração, pois ela precisaria da companhia da analista, da sua escuta atenta e continente. Somente assim ela poderia tentar conectar aqueles conteúdos ideativos, encapsulados, a uma série psíquica que tivesse o mesmo destino de tantas outras representações conflituosas: sofrer os desígnios do processo de recalçamento.

Tempos de perlaboração

O fato de não mais haver risco de Lara continuar sendo abusada sexualmente permitiu à analista respeitar os tempos de revelação do segredo e, na época, nada dizer a seus pais.⁴ Apenas aumentou o número de sessões, para que a paciente pudesse ter espaço para trabalhar aqueles conteúdos tão penosos e que tinham encontrado uma chance de se vincular às representações-palavras. Assim, ao longo de um extenso ciclo de sessões, a compulsão à repetição cumpriu sua missão: fazer o sujeito repetir, incansavelmente, os mesmos roteiros, em busca de uma significação capaz de transformar a vivência traumática.

O roteiro da dramatização que subia ao palco a cada sessão era então o seguinte: um avô bom que pegava a neta no colégio, dizia

4 Esta é uma diferença significativa que percebemos na atuação dos profissionais argentinos com esses casos: eles são muito mais preocupados com a realidade factual do abuso e muito mais implicados com a punição dos abusadores que os profissionais brasileiros. Talvez isso se deva à história cultural do país, também marcada a ferro e fogo pela ditadura dos perversos, mas que no caso da Argentina levou a um maior engajamento político.

que lhe queria mais do que a todos no mundo, enchia a neta de presentes e de guloseimas. Depois virava mau e queria tocar-lhe o bumbum. Quando a campainha soava, anunciando a chegada da mãe no consultório, o boneco/avô ameaçava que, se ela contasse a alguém o segredo deles, ia para o inferno, pois sua mãe não ia acreditar nela, e as freiras a expulsariam do colégio. Durante essas cenas repetitivas, a analista tentava encorajar a boneca/Lara, assegurando-lhe que não iria para o inferno, porque não havia feito nada de mal, e que, se contasse aos pais, eles acreditariam nela e não ficariam zangados. Eles a protegeriam e nunca mais o avô lhe tocaria o “bumbum”. Nesse momento, Lara fazia a careta habitual, abrindo a boca como se fosse gritar, mas permanecendo em silêncio. Essa repetição que caracteriza o sintoma é o que podemos considerar como um chamado à busca de sentido, cabendo ao analista tentar desatar as simbolizações “falsas ou ilegítimas” e organizar novas formas de significação que possam romper a compulsão à repetição. Entretanto, a única maneira de operar sobre as representações é através da linguagem, e a interpretação é o elemento que temos à nossa disposição para transformar as redes de representações que produzem a formação sintomatológica. Assim, quando a analista afirmava para Lara que ela não havia feito nada de mal, reorganizava as redes de representações e, desse modo, a posição do afeto podia variar: o afeto desqualificado (a angústia) podia se transformar em sentimentos de amor, ódio ou medo.

Entretantes, o trabalho de perlaboração precisava ainda reatar a conexão do afeto à representação correta (originalmente reprimida), e foi justamente esse movimento que passamos a ver nesse caso clínico, pois a boneca/Lara não parecia mais ter medo do avô e começou a enfrentá-lo: “Não vai tocar o bumbum, seu malvado!”. E quando a campainha tocava, anunciando a chegada da mãe, Lara passou então a tampar a boca do boneco/avô, enquanto tentava convencer a boneca a contar ao papai e à mamãe o

que o avô lhe fazia. Dizia à bonequinha: “Não tenha medo, eles não vão se zangar com você, e nem vão castigá-la!”. Vemos, portanto, que ela estava começando a vislumbrar outras possibilidades de reação à intromissão violenta dos atos sexuais do avô em seu corpo e em seu psiquismo. Mesmo assim, a boneca/neta continuava assustada, e jurava ao avô não contar o segredo deles.

O exercício da possibilidade de tapar a boca do avô e abrir a sua para dizer “não” às investidas dele fez com que essa garota pudesse se apropriar do seu desejo e de sua potência, desarmando, assim, o sintoma instalado. Poucas semanas depois, a mãe ligou para contar que estavam contentes porque, havia vários dias, Lara não mais fazia a tal careta. A partir de então, estavam postas em circulação outras possibilidades existenciais que não a obrigatoriedade de postar-se numa passividade radical diante da invasão de um adulto perverso. Não havia mais necessidade daquela fixação à boca/oca que tanto nos lembra o mais famoso dos mil quadros pintados pelo norueguês Edvard Munch em Paris e que pode ser uma analogia perfeita para o que sente uma criança que é abusada sexualmente por um adulto/cuidador. A expressão facial da figura humana na pintura do quadro *O grito* (1893) condensa tanto a angústia pessoal do pintor (a negatividade de suas emoções) quanto a dramática solidão que a todos ronda, e que rerepresenta o desamparo primordial do ser humano ante um mundo que não responde a seus desejos e a suas necessidades.

É certo que, mesmo o traumatismo sendo conectado às séries psíquicas, ainda na infância, não deixará de determinar vias de ligação diretas com as fantasias originárias (que ocupam a cabeça de todas as crianças) e que buscam criar “teorias” explicativas para o enigma das origens. Assim, a realidade traumática da história vivida por Lara se imiscuiria às suas fantasias originárias: a fantasia da “cena primária” seria afetada pelo fato de ela ter tido intimidades

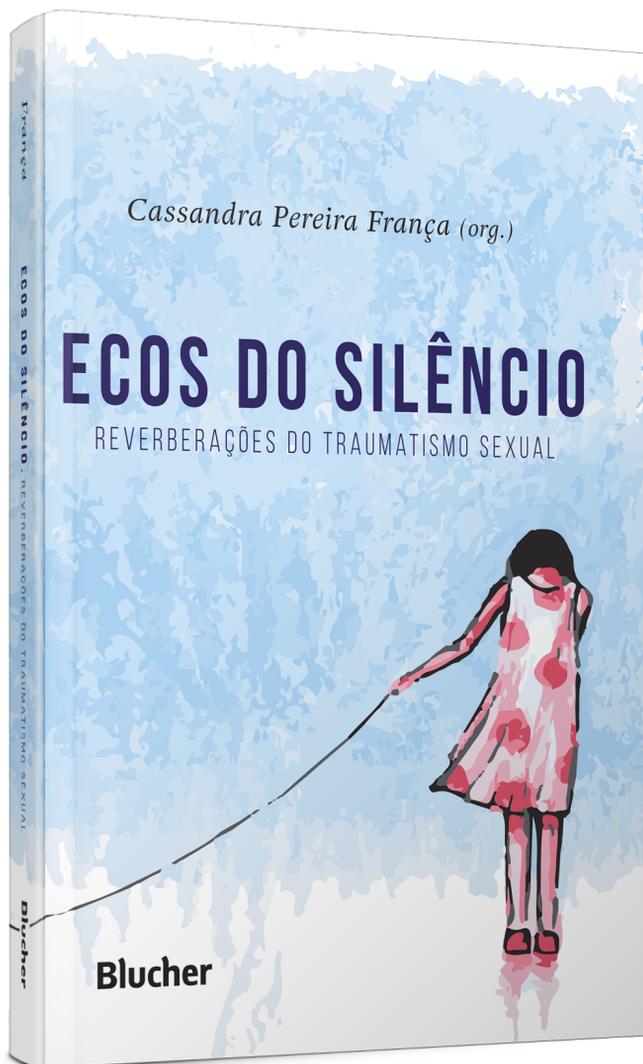
corporais com o avô, e sua mãe ter sido a terceira excluída, deixada de fora da cena. A “cena de sedução” (que busca explicar a origem da sexualidade) seria atravessada pelo discurso do avô que dizia gostar mais dela do que de qualquer outra pessoa, fazendo com que Lara se sentisse a predileta na rivalidade edipiana; e as fantasias relativas à “cena da castração” seriam ainda mais fustigadas pelos temores de ser expulsa da escola e ir para o inferno. É por todas essas imbricações que essa análise ainda teria de se desenrolar por um bom tempo.

Necessário se faz colocar aqui um ponto-final para essa narrativa. Contaremos apenas que, na sessão que se seguiu, Lara começou a repetir a mesma história, mas, quando o boneco/avô quis tocar o “bumbum” da boneca/neta, esta não deixou e, aos gritos, chamou os bonecos papai e mamãe para que viessem ajudá-la. Os bonecos vieram correndo e a bonequinha lhes disse: “Não quero mais ver o vovô, porque ele é mau e me toca o bumbum”. Após fazer esse enunciado, Lara olhou bem no fundo dos olhos da analista e lhe perguntou: “Você pode dizer à minha mamãe que eu não queria que ele morresse?”. Posso sim, responderíamos. Posso dizer também, com Martin Luther King, que nós, adultos, não devemos nos preocupar apenas com o grito dos corruptos, dos violentos, dos desonestos, dos sem caráter, dos sem ética... devemos, sobretudo, nos preocupar com o silêncio dos bons.

Referências

Alkolombre, P. (2013). Violencia y abuso em la infancia: su incidencia en la construcción de la subjetividad. In A. Díaz (Org.), *Abuso sexual infantil: la palabra arrebatada* (pp. 73-78). Buenos Aires: Fundación San Javier.

- Bion, W. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados* (3a ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bleichmar, S. (2010). *Psicoanálisis estramuros: puesta a prueba frente a lo traumático*. Buenos Aires: Editorial Entreideas.
- Freud, S. (1996a). Conferência XVII. O sentido dos sintomas. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 265-279). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (1996b). Conferência XVIII: Fixação em traumas – O inconsciente. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 281-292). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Garaventa, J. (2013). Lo que no te mata te devasta. Abusos sexuales em la niñez. In A. Díaz (Org.), *Abuso sexual infantil: la palabra arrebatada* (pp. 47-52). Buenos Aires: Fundación San Javier.
- Lispector, C. (1999). *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1964).
- Rotsztein, M. (2013). La boca de Lara. In A. Díaz (Org.), *Abuso sexual infantil: la palabra arrebatada* (pp. 179-185). Buenos Aires: Fundación San Javier.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

ECOS DO SILÊNCIO

Reverberações do traumatismo sexual

Cassandra Pereira França (Org.)

ISBN: 9788521212393

Páginas: 248

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017

Peso: 0.280 kg